



Agora Vamos Louvar Estes Órfãos Neoluditas da Vivência Digital Recente¹

Alexandre Honório da Silva²
Disruptores – Revista Eletrônica de Cultura, Natal, RN

RESUMO

O artigo propõe analisar as proposições do autor norte-americano Andrew Keen e suas considerações expostas no livro *O Culto do Amador*, confrontando sua análise com o pensamento recente em torno das redes e culturas colaborativas baseadas nas mídias eletrônicas contemporânea. O artigo pretende demonstrar que a argumentação de Keen paira na superfície da cultura e nega, dentre outros aspectos, o lugar ocupado pela mediação colaborativa que emergiu com a participação, implicação e transmediação representada pelas redes.

PALAVRAS-CHAVE: culturas colaborativas, mediação, redes sociais,

INTRODUÇÃO

Há um problema no argumento que Andrew Keen emprega alicerça seu comentado livro *O Culto do Amador*: ele, o argumento, parece embalado em um *protoneoludismo* embaraçoso e uniforme que pretende encerrar seu leitor em uma espiral de paranóia e medo em relação à Internet, os produtos dela e nós mesmos enquanto seus usuários. Desde a introdução, citando T.H. Huxley ecoando o equívoco de seu “teorema do macaco infinito”, passando por uma estreiteza de visão em relação ao papel dos blogs e redes sociais, culminando em uma revolução de idéias capengas de razão questionável, o que pode ser verdadeiramente dito sobre o estudo de Keen é que, de longe, agradecerá àqueles

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sócio-diretor do bureau de comunicação digital DZ3 Comunicação e Design (<http://www.dz3design.com>) e editor da revista eletrônica de cultura Disruptores (<http://www.disruptores.com.br>). E-mail: alexandre.honorio@disruptores.com.br.



que procuram argumentos – mesmo os improváveis – para crucificar a Internet e o lugar que esta ocupa na sociedade contemporânea.

O problema de Keen é que, na busca por argumentos que alicercem sua idéia – de que a Internet é o playground de uma horda de bárbaros imbecilizados denominados como historicamente “massa” – ele comete pecados contra o bom senso. *O Culto do Amador* representa o último suspiro de um tipo de ressentimento que, devido à ascensão das mídias baseadas na Internet, ainda insiste em esbravejar – veja a comparação que Keen procura impingir no seu leitor quando comparar o sujeito-colaborador com um dos muitos macacos que povoam seu imaginário sobre as Redes e seu texto. Macacos, macacos, macacos... Keen remete seu argumento na direção deles o máximo que pode.

Quando recorre ao “julgamento especializado dos editores de notícias”, como uma viúva do papel e da tinta, Keen ergue o estandarte de Ortega Y Gasset: às massas, a submissão aos gênios escolhidos por sabe-se lá quem e a resignação a respeito de sua condição de turba insana. Keen se insurge na contramão trazendo a sua frente um estandarte nas mesmas e opacas cores que toda uma geração de pensadores ressentidos igualmente utilizaram para golpear inutilmente o Cinema, o Rádio, a TV, o CD e segue o cortejo...

O significativo em relação a este ressentimento é que ele se alicerça em números convenientes à pesquisa que se procura apresentar. Se em um site como o Digg as vinte primeiras matérias em destaque dizem se relacionam a temas banais, não significa, por sua vez, afirmar que um sem número de leitores deixa de se alimentar com sua dieta básica de informação.

Sempre que as palavras “tradicionais”, “padrões culturais” e “valores morais” surgem diante dos olhos em *O Culto do Amador*, um arrepio parece percorrer a espinha: para Keen existe uma divisão entre “mídia antiga” e “nova mídia”. Uma distinção incoerente, uma vez que, como considera Steven Johnson, as mídias não se transformam, mas seus suportes, “como os grandes eclipses da experiência cultural de nossos dias, um raro e importante alinhamento de forças, tal como não podemos voltar a ver por muitos anos (JOHNSON, 2001, p.13)”.

O mais impressionante em relação ao argumento de Keen é vê-lo incensando repórteres, editores, gravadoras e estúdios de cinema como “guardiões da cultura” quando esta não faz ou fizera questão desse tipo de preocupação. Estranho: em pouco mais de uma década estes mesmos “guardiões” parecem ter encontrado uma razão para existir e com ela a redenção que por muito parecia distante destes mesmos e ora deserdados “senhores da mídia”.



O discurso de Keen é, como este artigo procurará evidenciar, o discurso da RIAA, da MPAA ou de qualquer “Associação de Donos de Qualquer Mídia Que Tem Sofrido O Diabo Por Não Entender Pra Onde Ir”, enfim, de uma visão estremecida, atormentada e em frangalhos daquilo que ora significa a produção simbólica deste princípio de século. O discurso de Keen é, no fim – e procuraremos desmontar parte dele –, o discurso dos macacos velhos e ressentidos que ficaram pelo caminho; o discurso daqueles que perderam o trem da evolução e, órfãos, têm agora que se contentar com o caminho de migalhas deixadas pelos que passaram e foram embalados pelo futuro. Enfim, o discurso daqueles que esqueceram que experimentar e experiência resultam sobremaneira dos usos.

AH, ESSE NEOLUDITAS LOUCOS...

Desqualificar a cultura de colaboração que emerge dos usos que centenas de milhares de pessoas têm feito da Internet e dos seus múltiplos recursos é, senão cegueira argumentativa, um exercício no mínimo inútil. Andrew Keen parece um discípulo de Giovanni Sartori – só que um pouco mais arredio e tardio que este. Sartori é o autor de outro cultuado livro sobre o mau humor em relação às mídias: *Homo-Videns – Televisão e Pós-Pensamento*, publicado por aqui em 2001, é um primor quando o assunto é essa maioria terrível chamada massa.

No livro de Sartori, como no livro de Keen, se sobressaem argumentos que procuram desqualificar o sujeito comum em sua capacidade de interagir com o assédio e os rumos das mídias contemporâneas. Sartori chega ao extremo de afirmar que as mídias, os meios de comunicação de modo geral, e as massas que as consomem serão os responsáveis por parir molóides do vídeo.

A relação que Andrew Keen procura estabelecer em torno da ascensão das “novas mídias” frente às “mídias tradicionais” segue pelo mesmo caminho: molóides ou macacos, o problema em relação às massas é a mácula destes contra o papel sagrado de informar e de produzir sentido desempenhado pelos “meios tradicionais” de comunicação e por seus dignatários “guardiões”.

Keen e Sartori atiram para todos os lados na busca por desqualificação pura e simples em relação ao papel das majorias nos processos de produção de sentido – Keen especificamente no que se refere à Web 2.0³: um argumenta sobre um pretenso papel

³ Entenda-se por Web 2.0 o *boom* das aplicações colaborativas da Internet – para muitos, um aperfeiçoamento das primeiras experiências com o meio. As primeiras experiências com o compartilhamento de arquivos (Napster, Soulseek, Gnutella, etc.), o surgimento e popularização dos blogs e a ascensão e disseminação, em meados desta década, das redes



imbecilizante desempenhado pelas telas, enquanto o outro reclama que mais e mais pessoas vêm produzindo conteúdo e disponibilizam-no através da Rede; um reclama das ascensão das massas em uma turba de ignorantes, enquanto o outro considera um risco para o futuro a cultura colaborativa que se projeta a partir das redes sociais, dos blogs, enfim, das mídias calcadas na Internet. A impressão que se tem, lendo os lamentos dos dois, é que faltaram às aulas de “Sociologia da Comunicação III”, trocando-a pela cadeira de “Indústria Cultural I”. Saíram de uma perspectiva sobre o futuro da comunicação para uma revisão dos fundamentos do temor em relação às massas *by Adorno*.

Nada contra o teórico frankfurtiano, mas o problema é que o eco de suas idéias ainda pega alguns no contra-pé – usando uma metáfora futebolística. O lugar das massas é contemporaneamente outro; o papel que estas desempenham segue o mesmo raciocínio. Vejamos o que pensa Carlos Scolari sobre o lugar das culturas colaborativas, das redes sociais reticulares e do hipertexto enquanto terreno de produção simbólica:

“A comunicação digital têm renovado todas as fases do processo social de produção de sentidos. Às novas formas do processo de comunicação se sucedem lógicas de distribuição inovadoras associadas a uma nova configuração das formas de consumo cultural. A comunicação digital põe em xeque um modo de produção cultural nascido no século XIV e consolidado em um período que vai da segunda metade do século XIV à primeira metade do século XX (SCOLARI, 2008, p.182)”.

A não ser que se sucumba à espiral do mau humor destes empedernidos protoneoluditas-em-profunda-decepção-com-o-digital, não há sentido em falar em dogmatismo quando, diante das dimensões contemporâneas, é justamente seu contrário que se manifesta como resultado de uma cultura de colaboração. Expertise, experiência e talento são, diferente do que consideram os ressentidos como Keen, os combustíveis das mídias digitais, suas múltiplas manifestações e suportes, e seus usuários/produtores. A questão que emerge da reflexão proposta por Keen é um envolvente fetiche pelo controle...

Controle que fugiu há muito do alcance das mãos destes empedernidos cidadãos órfãos de algum momento entre os séculos XIX e XX. Há uma contradição na proposta de Keen de estabelecer uma manutenção dos sujeitos que se interrelacionam através da Internet: liberdade e controle convivem em esferas completa e irresistivelmente opostas. Quando sugere a inexistência de diferença entre o amator e o autor, na verdade Keen propõe o restabelecimento de uma fronteira que separe os dois conceitos; propõe a manutenção de

sociais – MySpace, YouTube, Twitter, Facebook e outros – servem como demarcação deste conceito/filosofia. A Web 2.0 é a matriz da cultura colaborativa convergente que vem caracterizando os usos recentes da Internet;



um distanciamento classista que rejeita o sujeito comum enquanto potencial produtor simbólico.

O que a reflexão de Keen encerra é a noção de que a especialidade é um dom para poucos e este é um dos seus magistrais equívocos em relação ao papel do amador. A especialidade significa uma certa proximidade dos métodos de produção e estes não podem ficar nas mãos das maiorias/das massas: a especialidade, a expertise, o conhecimento significam, apesar de Keen não afirmar abertamente isso, dinheiro e uma ameaça à ele por uma cultura colaborativa que valoriza a experiência é significativamente perigoso.

O pecado de Keen e de outros tem sido imaginar a Internet como algo orientado àqueles que vislumbram tão somente os prejuízos sócio-econômicos (pois é somente sobre esse aspecto que trata sua reflexão) em detrimento da experiência. Não sejamos tolos: muitos lucraram com a ascensão da Internet e seus produtos; muitos ainda lucram com as possibilidades que esta detém; enquanto outros continuam inevitavelmente ficando pelo caminho.

Por sua vez, no fim, é a experiência, a experimentação e os usos que vêm transformando nosso olhar em relação às fronteiras da comunicação. Se dignar a demonstrar o que alguns poucos perderam como consequência de uma incompreensão dos novos limites da comunicação não significar apontar os defeitos de uma nova filosofia comunicacional, mas demonstrar o medo intrínseco que esta mesma transformação parece inspirar nos menos afortunados.

CULTURA COLABORATIVA E PARTICIPAÇÃO ANÔNIMA

O engraçado, em contraponto à análise ressentida e pessimista de Keen, é perceber que mais e mais a cultura participativa calcada nas derivações do hipertextual contradizem as “aspirações tradicionais informativas” valorizadas pelo empreendedor frustrado. Um exemplo recente, mas não o único, foi a mobilização de milhares de opositoristas que registravam e divulgavam, no momento em que os fatos aconteciam, a repressão às denúncias de fraude nas eleições que recondiziram Mahmud Ahmadinejad à presidência do Irã. Não foram o NY Times ou o Washington Post que divulgaram as primeiras imagens de revolta e resistência nas ruas de Teerã, mas o Twitter, o Twitpic e o YouTube e toda uma nova experiência movida por interfaces e dispositivos de comunicação em meios digitais. No fim, para desespero de alguns, é a maneira como nossa relação com estas mídias, como elas têm redefinido nossa relação como a informação e como esta mesma informação vem



se cristalizado que preocupa. Uma massa de anônimos passou a se expressar em tempo real e em todas as direções fazendo uso dos suportes que tem à disposição.

Foi com a percepção de que a dissolução das fronteiras da comunicação é real que essa massa de anônimos passou a expressar seu descontentamento e seu livre pensar através do hipertextual: as mídias colaborativas cumprem, para desgosto de Keen, um papel que coloca contra a parede suas diversas provocações. No fim, confrontado com as manifestações desta mesma cultura que rechaça, o papel do amador revolve o terreno que o especialista incensado por Keen pretende ocupar como uma espécie de “farol do conhecimento contemporâneo”: o lugar do especialista pretendido por Keen, do *gatekeeper* que o seduz, deste desnecessário burocrata secular, é o passado. “Um-Muitos”? Não, não: “Muitos-Muitos” *is the new black!*

O que passa ao largo na reflexão das transformações consideradas por Keen como danosas à cultura, aos saberes e aos sujeitos é a idéia de que o que se dá com a comunicação, com aqueles que se dela enredam, com as profissões ligadas a seu plano, não é outro fenômeno senão uma sucessão de mutações significativas para a experiência contemporânea. Transformações que implicam mudanças, não apenas na perspectiva dos usos, mas, em dimensão igualmente relevante, nos próprios campos de experiência que perpassa os limites da comunicação.

Não que editores, diagramadores, repórteres e afins tenham, de uma hora para outra, acordado em um mundo que os rejeita em detrimento de um computador, um cabo com um par de conectores RJ-45 nas extremidades (ou navegando nas ondas Wi-Fi) e uma infinidade de aplicações *for dummies*. Longe disso. A transformação, como bem analisa Carlos Scolari em seu *Hipermediaciones*⁴, não implicou em nenhum momento, a extinção de profissões da comunicação, mas seu reordenamento. Implicou, sim, uma sobreposição em camadas de múltiplos saberes que, concatenados, terminaram por incrementar a mesma expertise cara a toda uma geração de neoluditas empedernidos.

“A partir do momento em que os diferentes campos da comunicação se digitalizam, os perfis profissionais começaram a se sobrepor, criando zonas de conflito que se manifestam na relação destes profissionais com o mercado. (...) No mundo da comunicação se dá um processo intenso de convergência profissional caracterizado pelo surgimento de novas profissões e pela transformação de outras (SCOLARI, 2008, p.204)”.

⁴ SCOLARI, Carlos. *Hipermediaciones – Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva*. Espanha: Gedisa Editorial, 2008;



Se dá contemporaneamente uma sucessão de processos que têm transformado não só como nos comunicamos, mas, em equivalente importância, uma transformação que envolve aqueles que participam dos processos produtivos da comunicação. Profissões como as de administrador de conteúdo ou designer de interação podem e devem ser consideradas resultados desta transformação, assim como a de jornalista multimídia.

Tentativas de desqualificar uma mídia ou algum outro processo de produção simbólica não são raras: se a imprensa, livre e necessária à democracia, não raro é vítima de ataques, o que dizer da Internet e sua diversidade. Estudiosos como Keen ou Sartori em geral procuram apoiar seus argumentos nas exceções: imagine tentar desqualificar um serviço como o YouTube e sua diversidade de vozes citando um ou outro exemplo de utilização extrema do serviço é tomar a parte pelo todo – no melhor raciocínio barroco.

Quando em *O Culto do Amador* lemos sobre as armadilhas da Web 2.0, das empresas por detrás dos famigerados *cookies* que capturam nossa “alma”, dos mortais – um ou dois – que foram tomados pelos “lado negro” da cultura colaborativa que pulsa através dos nós da Internet, a interrogação que se sobressai é: Andrew Keen precisa urgentemente deixar de sintonizar a FOX News e passar a viver um pouco a luz da experiência comunicacional e cultural mais relevante destes dois últimos séculos da história humana. Mas Steven Johnson em *A Cultura da Interface*, livro de 1997, em um capítulo dedicado aos agentes envolvidos nos processos e interfaces da comunicação digital, nos mostra que uma visão polarizada não é propensa a respostas:

“Os agentes revelarão ser muitas coisas e seus efeitos vão repercutir na infosfera de múltiplas maneiras. Alguns destes efeitos serão lamentáveis; outros serão verdadeiramente animadores. Novas tecnologias raramente falam com uma só voz – esta é uma das razões porque nos cativam tanto. O certo, contudo, é que os efeitos dessas novas tecnologias serão muito mais profundos do que agora supomos (JOHNSON, 2001, 133)”.

Johnson antecipa os humores de Keen ao afirmar que uma abordagem sobre o lugar das mídias digitais na maioria não deve ser analisado sob perspectivas dicotômicas. Deve compreender, portanto que, no fim, no terreno desta “Ordem Mundial Contemporânea da Comunicação” convivem em uma sensível harmonia uma infinidade de vozes ligadas. São múltiplos discursos e artifícios multimídia diversos todos construídos a partir da popularização dos meios digitais de comunicação e a perspectiva na qual os múltiplos sujeitos da comunicação, do amador ao especialista, difundem, interagem, interferem ou,



como sugere Henry Jenkins, convergem na busca de sentidos conciliadores⁵; convergem na direção de uma cultura complexa de participação em que, mais que os artifícios da comunicação, a experiência, uma vez mais, é um dos seus motores.

Isto é certamente bem mais que uma centena de vídeos de políticos ressentidos distribuindo ataques, um sujeito fantasiado de coelho desancando desconhecidos ou extremistas simulando seu improvável sucesso no noticiário.

INSTITUIÇÕES!?!? GUARDIÃO DA CULTURA!?!?

Na edição brasileira de *O Culto ao Amador*, há nos dois de seus primeiros capítulos – mais a introdução – a recorrência à prevalência de um super-herói que, diante de seu algoz, a Web 2.0, precisa da ajuda dos corações e mentes letrados para debelar a ameaça contra sua integridade moral. O personagem de Andrew Keen tem nome: o guardião da cultura. É preciso perceber que em sua busca por desqualificar a cultura colaborativa, a hibridação, a pluralidade de discursos que caracterizam os usos contemporâneos da mídias digitais e de rede, Keen nos apresenta um argumento que literalmente apela para nosso íntimo mais reacionário.

Para Keen o principal problema em relação a YouTube, Twitter, Wikipédia, MySpace e toda uma fauna de blogs e sites colaborativos diria respeito tão somente à derrocada da figura do especialista; daquele que, segundo ele, seria o guardião dos saberes e da informação⁶ e também responsável pela manutenção das instituições⁷. Os sistemas colaborativos que alicerçam as mídias digitais – e por conseqüência, seus usuários – podem até resultar, como pretende Keen, de um incontrolável e ameaçador “tsunami informacional”, mas o usuário, juntamente com outros iguais a ele, está na crista desta onda. Para Scolari, não há docilidade nos usos dos recursos; estes não são tão e simplesmente usados.

“As interfaces podem ser domesticadas pelos usuários sem que estes detenham dispositivos cognitivos e semióticos complexos através dos quais possam negociar os significados de suas interações. As tecnologias não são simplesmente ‘usadas’, mas incorporadas e vividas pelos sujeitos (SCOLARI, 2008, p.254)”.

Diferente do que é percebido por Keen, os usuários que colaboram com estes sistemas desempenham eles, individual ou coletivamente, o papel de filtro: o usuário é o filtro da

⁵ JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008. p.31;

⁶ KEEN, Andrew. *O Culto do Amador* – como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p.46;

⁷ Id, *Ibidem*;



informação, pois, posicionando-se assim, estabelece ele mesmo as escolhas em torno do que quer ou não compartilhar/consumir. O usuário, diferente do que ponderam os pessimistas como Keen, incorpora os usos como parte de seus modos de fazer: esta é sua tática⁸; este é seu modo de lidar com o assédio que parte dos rincões da tradição defendidos por Keen.

O problema com a tradição é que não raro ela ofusca o entendimento em relação à vanguarda. Nos termos propostos em *O Culto do Amador*, de Keen, ou mesmo no *Homo-Videns*, de Sartori, é o empenho pela tradição, pelos “valores verdadeiros”, pelo saber que somente uma minoria culta detém, retém e dele expressa o que considera suficiente para alimentar à turba, que deve mover a expressão da cultura.

Em *Cultura da Convergência*, mesmo não indicando isso especificamente, Henry Jenkins aponta alguns dos motivos para o temor dos guardiões da cultura de Keen em relação à ascensão do poder massivo representado por esta cultura de participação coletiva que emerge das mídias digitais: não é a obtenção pelas majorias do controle do fluxo de informação que assusta, mas a percepção de que ao dispor deste controle elas, as majorias, implodem os filtros representados pelos pretensos “guardiões da cultura”.

Existe nos usos das majorias algo que vai de encontro aos argumentos dos ressentidos com os rumos que as tecnologias e mídias digitais têm tomado: a percepção que nesses usos, na posse e emprego destas mídias, se desenvolve mais que apenas o mero consumo, mas o estabelecimento de um “processo social dinâmico e participativo de aquisição do conhecimento” que interroga seus atores não apenas sobre o porquê consomem, mas, mais ainda, sobre o estabelecimento dos laços que compartilham.

Os tais “guardiões da cultura” de Keen e Sartori têm que lidar agora com uma outra cultura que, investida por táticas e camadas⁹, torna-se fluída e vibrante: dispersividade e pluralidade contra a centralização e controle da informação. Contra esta perspectiva faz sentido a saraivada de dados, causos e números oferecidas por Keen e outros ressentidos: ele procura amearhar algumas poucas críticas às mídias digitais calcando-as na desqualificação.

No fim, o que se tem em relação a estas mesmas majorias é a percepção em relação ao desenvolvimento, no seio desta pretensa “cultura inútil”, de múltiplas culturas que se

⁸ DE CERTEAU, Michel, *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. p.52;

⁹ CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.34;



expandem em complexidade e, carregadas por elaborados protocolos culturais, reafirmam a “produção social estruturada culturalmente (CASTELLS, 2003, p.34)” que aflora dos usos e sentidos do virtual.

“A participação é moldada pelos protocolos sociais e culturais. (...) A participação é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores midiáticos e mais controlada pelos consumidores. (...) A web empurrou a camada oculta de atividade cultural para o primeiro plano, obrigando as indústrias a enfrentar as implicações de seus interesses (JENKINS, 2008, p.183)”.

Há, com a ascensão destas camadas culturais, a manifestação de linhas mais claras e que evidenciam o contraste contemporâneo apontado por Jenkins e Castells, mas ignorado ou rechaçado por Keen: é nas interações sociais individuais e nas conseqüências destas para o coletivo que reside o valor intrínseco às mídias digitais e aos seus usos. Palavras como “troca”, “compartilhar”, “experiência” e “participação” adquirem significados temerários na reflexão de Keen.

TRANSMIDIAÇÃO E CONVERGÊNCIA

Por sua vez é exatamente em torno destas palavras que se dá a principal transformação comunicacional coletiva que se tem notícia: há convergência de saberes, transmidiação de experiências, participação enquanto expressão de um cenário de laço social compartilhado porque “a expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos usuários dos meios de comunicação (JENKINS, 2008, p.28)”.

Para Jenkins, diferente do que propõe Keen ao cobrar a recondução dos seus “guardiões da cultura” que, acuados pela ofensiva das mídias e nos usos de uma Web 2.0, desistem e “choram as pitangas” ao invés de se aliar às fileiras do “inimigo”. Assim, para Jenkins, não devemos investir na observação que considera os sujeitos contemporâneos da cultura e da comunicação como ocupantes de papéis separados, mas “considerá-los agora como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras que nenhum de nós entende por completo (JENKINS, 2008, p.28)”.

Se o consumo de mídia se metamorfoseia em um processo produtivo, como observamos contemporaneamente, de nada adianta procurar explicações em situações isoladas ou em decisões equivocadas de controladores de mídia que ora atiram em todas as direções procurando encontrar uma nova mina de ouro cravada no consumo.

“A apropriação da capacidade de interconexão por redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades on-line que reinventara a sociedade e, nesse processo, expandiram espetacularmente a interconexão de computadores em seu alcance e em seus usos (CASTELLS, 2003, p.53)”.



Para os usuários das mídias digitais contemporâneas, a Tower Records continuaria sendo um lugar de experiência e convívio coletivo, não fosse a decisão de seus controladores; para os usuários da mídias digitais, os jornais continuam sendo fontes indispensáveis de informação – mas não as únicas; para os usuários das mídias digitais, pornografia na Internet não é muito diferente daquela que nossos pais escondiam inutilmente; para os usuários das mídias digitais, diferente do que alguns pretendem, a cacofonia vozes em profusão e as experiências que compartilham é uma linguagem.

Por ser linguagem, quem não a compreende ou não entra em sintonia com seus ritmos e manifestações, termina por excluí-la. Há, portanto, na incoerência múltipla dos usos apontada por Keen teor semelhante de incompreensão àquele apontado por Sartori em relação ao televisivo: ambos, solapados pelo que não percebem, alicerçam seus argumentos no que fica pelo caminho como resultado do entrechoque cacofônico comunicacional encerrado nos usos coletivos do virtual.

O debate proposto por Keen é, como considerara Castells, algo nascido da esterilidade na percepção do que significaria o virtual. Um debate “em torno de questões simplistas e enganosas” que pretende opor uma noção idealizada de comunidade aos sujeitos que se implicam da Internet, seus usos e produtos, apontando-o como algo estereotipado e pueril.

“A Internet é mais que um mero instrumento útil a ser usado porque está lá. Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada (CASTELLS, 2003, p.115)”.

Uma das principais críticas em relação à Internet e à contemporânea cultura que dela emerge diz respeito à qualidade da informação nela disponibilizada. Para alguns, a pluralidade das vozes, a natureza cacofônica em torno das informações disseminadas através da rede, mais que uma representação da liberdade, aparentemente demonstraria sua faceta mais superficial.

A marca da propagação da informação em tempos de Internet é a instantaneidade; a diversidade é seu principal atributo simbólico: lidar com estes dois aspectos é ponderar sobre os limites do social. A informação é contemporaneamente uma revolução entre múltiplos nós culturais¹⁰ e, como resultado destes, dos atores que se enreda nas estratégias mobilizadoras deste terreno.

¹⁰ CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.125;



Pregar uma falência de fontes tradicionais de comunicação como resultado da ascensão da Internet e seus produtos¹¹, considerando tais como uma espécie ameaçadora e agente de diluição da informação e não como outro modo mais democrático de disseminação e produção de sentidos, é desconsiderar que os usos criativos que os sujeitos da comunicação – esse tal “amador” que nada mais é que o sujeito comum que detém acessos às tecnologias de produção simbólica – representam um novo momento para a cultura contemporânea.

Estes atores-consumidores da instantaneidade, no fim, são os responsáveis por transformar a Internet e suas mídias em uma experiência complexa de apropriação/reapropriação social ininterrupta. A questão da credibilidade pode ser o território dos veículos tradicionais de produção informacional – jornais, revistas, semanários, etc. –, mas não são sua propriedade.

A credibilidade, por vezes, é questão de proximidade, de identificação, de sensibilidade, assim a lógica que sustenta estes veículos/meios obviamente fora modificada: o sujeito comum contemporaneamente por meio das tecnologias digitais tem como interlocutores da informação seus iguais, aqueles mais próximos, aqueles que verificaram as informações difundidas, aqueles que participaram de um evento, aqueles que presenciaram um fato, aqueles que provaram ou sentiram algo...

Credibilidade se transformou, portanto, em uma combinação entre usos e experiência. Diante das mídias digitais em tempos de Internet o usuário-amador é um agente afeito à lógica particular do meio e que de posse dos recursos necessários para seus usos integra um coletivo de produção simbólica que se verifica colaborativamente.

“A internet é de fato um meio de comunicação com lógica própria e linguagem própria. Mas ela não se restringe a uma área particular de expressão cultural, pois atravessa todas elas (...). O tipo de comunicação que prospera na Internet está relacionado à livre expressão em todas as suas formas, mais ou menos desejável segundo o gosto de cada pessoa (CASTELLS, 2003, p.164-165)”.

É esta livre expressão convergente que causa assombro. Em nenhum outro momento da história humana foi possível tamanho grau de acesso à informação e aos artifícios em torno do qual esta mesma informação se equilibra. Se a livre difusão de conteúdos é um problema para a indústria que de tal atividade se aproveitara ao longo das décadas, esta mesma indústria precisa adequar agora seu *timing* a fim de atender as demandas que os usos de sua audiência das mídias baseadas na convergência encerram. Dirá

¹¹ KEEN, Andrew. *O Culto do Amador* – como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p.127;



Castells que a liberdade que caracteriza a Internet pode também libertar a opressão, como considera Andrew Keen, entretanto, diferente deste, a percepção em torno da Internet, seu ambiente e seus consumidores/sujeitos é de que os usos vêm mais e mais reduzindo o desconforto: a experiência de uma sociedade que envereda por uma perspectiva na qual os modos contemporâneos de comunicar convergem em direção a uma organização social baseada no indivíduo e nos suportes comunicacionais que possibilitam que ele interaja em igualdade de termos com outros indivíduos.

Como exemplo recente de como esta livre expressão convergente por vezes se manifesta e pode fazer frente aos “guardiões da cultura”, vale lembrar que no final de 2009 um casal de ingleses, através de uma campanha no Facebook e em outras redes sociais, convocou outros usuários a tomarem parte de uma ação que pusesse abaixo o primeiro lugar da parada de canções mais vendidas da Inglaterra e colocasse em seu lugar a banda Rage Against The Machine e uma de suas canções anti-establishment.

Killing In The Name, canção do álbum de estréia da banda lançado em novembro de 1992, foi alçada à primeira posição da parada de downloads da Inglaterra em plena semana de Natal de 2009. A ação iniciada pelo casal Jon e Tracy Morter conclamou milhares de usuários e juntos desbancaram o primeiro lugar das paradas britânicas – até então ocupado pelo *protegé* do produtor e jurado do programa American Idol, Simon Cowell. Em 27 de dezembro de 2009 o single *Killing In The Name* ainda ocupava o primeiro lugar nas paradas britânicas.

Esse é só um dos muitos exemplos em que a natureza convergente das mídias aliada à confluência de experiências termina por afirmar a opinião e os interesses dos amadores – opondo a tática à regra¹². Diferente do que imaginou ou pretende Keen, quando decidiram expulsar do primeiro lugar das paradas britânicas um produto claramente representativo do que um “guardião da cultura” julgara ideal para o consumo da turba, os usuários através de mensagens trocadas a partir de uma rede social alçaram ao primeiro lugar das paradas de canções uma música de protesto e representativa de suas opiniões e posição política.

O que este episódio ilustra é a afirmação dos usos dos usuários e consumidores das mídias digitais recentes; ilustra a afirmação das interfaces como possibilidade de intervenção nas decisões. O estranhamento em relação a estes mesmo usos se deve à transformação na

¹² Afinal é a partir da subrepticalidade inerentes às táticas nas quais se enredam, como aponta Michel De Certeau no seu *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*, que as maiorias terminam por interpelar os produtos e discursos da cultura contemporânea.. Jesús Martín-Barbero em seu *Ofício de Cartógrafo* também compreende essa resistência como tática e modo do massivo interpelar/interrogar os discursos do simbólico produzido e que o assedia;



maneira como passamos a encarar tais interfaces – se o modo como escrevemos mudou em menos de duas décadas¹³, o que dizer de outras e complexas rotinas que igualmente atiçaram a curiosidade coletiva em relação aos limites destas mesmas mídias.

Keen erra ao condenar a ascensão das maiorias com o advento das tecnologias recentes de construção, produção e compartilhamento do simbólico porque em algum momento se deu um desencantamento que passou a ofuscar as linhas que movem a produção de sentidos e de símbolos contemporâneas. Erra porque no fim se nega a aceitar que o lugar do amador diante dos rumos da comunicação em meios digitais é, contrariando-o, da experiência mediada em recorrente atomização. Mas, no fim, vamos saudar este órfão neoludita do mundo digital que perdeu o bonde da história e procura, recolhendo alguns pedaços deixados no caminho, algum sentido para o que salta aos olhos. Afinal, é preciso algum tipo de vigor improvável para se propor a negar o que nos atravessa a todos.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003;

DE CERTEAU, Michel, **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994;

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008;

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001;

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2009;

KEEN, Andrew. **O Culto do Amador – como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009;

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones – Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva**. Espanha: Gedisa Editorial, 2008;

¹³ JOHNSON, Steven. *A Cultura da Interface*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. P.105;



YOUNGS, Ian. Rage Against the Machine lead rock revolution. **BBC News**: Londres, Inglaterra, em 21/12/2009. Disponível em: < <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/8424268.stm>>. Acesso em 25/12/2009